



## **Perigo no Ar: A Gripe Aviária no Jornal do Commercio de Recife, em 2006<sup>1</sup>**

Eduardo Alexandre de Farias<sup>2</sup>

Universidade Federal de Pernambuco

### **Resumo**

Desconhecida até pouco tempo a gripe aviária rapidamente vem sendo compreendida como uma ameaça mundial. Impulsionado pela expansão do vírus H5N1 através da Ásia, Europa e África, o noticiário sobre a doença ganhou destaque em 2006. Sendo assim, e tendo em mente o discurso como chave de nossas representações sociais, procuramos no discurso jornalístico indícios de como pode estar sendo representado esse perigo.

### **Palavras-chave**

Análise Crítica do Discurso; Comunicação e Saúde; Gripe

Conhecemos o mundo, em grande medida, a partir do noticiário. Os meios de comunicação trazem até nós informações que contribuem fundamentalmente para a nossa percepção dos ambientes que nos cercam, traduzidas coletivamente em representações dos mais diversos temas cotidianos.

Por isso, mais do que simples notícia, a combinação de comunicação e saúde influencia decisivamente na forma como as sociedades modernas lidam com as doenças e epidemias. A informação transforma-se em instrumento de compreensão, profilaxia e combate de moléstias já há muito tempo estabelecidas ou daquelas recém identificadas como ameaças.

Tudo isso pode trazer uma falsa idéia de isenção do jornalismo voltado para a saúde. A ciência, e a medicina em particular, para muitos ainda é entendida como território livre de ideologias. Se considerarmos, contudo, que a saúde hoje constitui uma encruzilhada de diversos interesses, dentre os quais o econômico, o político e o religioso, teremos uma idéia da complexidade de forças atuando sobre sua divulgação.

Tais forças, entretanto, nem sempre agem de maneira solitária e consciente sobre o jornalismo, principalmente se consideramos ele mesmo dotado de poder social. Ao agendamento que a mídia faz do que ela própria supõe como prioridade da sociedade, sobrepõe-se um emaranhado de influências, heterogêneas entre si, que competem no

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação Científica.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFPE.

E-mail: edualexandre@uol.com.br



processo de fabricação da notícia pelo espaço de representação social criado por cada matéria jornalística.

Para Kucinski (2001, p. 297):

Hoje, os meios de comunicação de massa substituem as praças públicas como espaço físico da política e portanto de comunicação. Nesse espaço, o jornalismo não é um mediador neutro entre os diversos interesses, público e privados, ou entre os diversos saberes e protagonistas da saúde coletiva. Goza de autonomia discursiva na criação simbólica de sentidos, pela sua capacidade de escolher ou descartar temáticas, fundir, teatralizar fatos, reformular e recriar narrativas. Pode oscilar de um extremo de conformismo e reforço dos padrões dominantes ao extremo oposto da crítica total, contribuindo para sua mudança. Nesse processo vai tornar público o que autoridades desejam manter em segredo; vai dar sentido ao que parece desconexo, desarranjar e rearranjar discurso da saúde de inspiração científica.

É no discurso, portanto, entendido como construtor e difusor dessas relações simbólicas e da representação social, que reside a chave para a compreensão das diversas influências atuantes na divulgação de saúde. Nesse sentido, entendemos a “autonomia discursiva”, citada por Kucinski, como a definição para um campo de linguagem próprio do jornalismo, onde atuam os diversos interesses em jogo.

É a palavra que permeia todas as relações entre os indivíduos e que é conduzida pela ideologia para o “arranjo” desejado do discurso (BAKHTIN, 2004). Por inferência podemos concluir então que é no “desarranjo” e “rearranjo” da palavra no discurso jornalístico de saúde que cada doença e epidemia adquire efeito de realidade aos olhos do leitor.

Propomos assim, nesse trabalho, uma breve compreensão desse fenômeno, utilizando-se de alguns pressupostos da Análise Crítica do Discurso (denominada também de ACD) aplicados ao noticiário de saúde na cidade de Recife, através de uma das mais recentes ameaças epidêmicas: a gripe aviária.

## **A Morte Alada**

Causada pelo vírus influenza H5N1, a gripe aviária é sobretudo uma zoonose que ataca principalmente aves. Todas as espécies são susceptíveis ao contágio, ainda que os pássaros domésticos sejam mais vulneráveis que os selvagens. Altamente contagioso e resistente, o vírus possui ainda uma grande capacidade de mutação e pode ser transmitido aos seres humanos através do contato direto com animais infectados



(STEVENS, 2006).

Em 1997, um menino de três anos, de Hong Kong, foi a primeira vítima humana, detectada, do atual surto de gripe aviária (KOLATA, 2002). A doença ficou relativamente desconhecida do grande público até meados de 2003, quando novos casos reapareceram no sudoeste da China, chamando a atenção das autoridades sanitárias internacionais e também da mídia mundial.

Seus sintomas são o de uma gripe comum, com a diferença da capacidade de se estender aos outros órgãos do corpo além dos pulmões, provocando um alto índice de mortalidade: de 265 casos humanos registrados pela Organização Mundial de Saúde, 159 chegaram a óbito (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2007). O grande temor dos cientistas seria uma mutação do H5N1 que permitisse sua transmissão entre humanos, provocando uma pandemia tão, ou mais mortal, que a pandemia de gripe espanhola de 1918, que deixou mais de 20 milhões de mortos em todo globo (BERTUCCI, 2004).

Em 2005, a doença, antes confinada ao sudoeste asiático, ganhou os céus, através de aves migratórias e passou a contaminar outras regiões. Inicialmente na Ásia Central e posteriormente no Oriente Médio, até atingir a Europa e a África no último semestre de 2005 e início de 2006.

Com a expansão da doença entre as aves e o aumento do número de casos humanos, a gripe aviária ganhou as manchetes dos jornais do mundo inteiro.

### **Um Jornal Contaminado pela Gripe**

Para execução desse trabalho foram consideradas todas as matérias que fizessem referência à gripe aviária, durante o ano de 2006, na versão *on-line* do Jornal do Commercio (JC), de Recife. O formato eletrônico foi escolhido por reproduzir quase integralmente a versão impressa do veículo de informação, com a vantagem de permitir a recorrência fácil do leitor às matérias anteriores. O JC é o único periódico pernambucano a fazer parte de um portal nacional de internet, o Universo On-Line (UOL).

Utilizando a palavra-chave “gripe” no sistema eletrônico de busca de edições anteriores do JC *on-line*, publicadas entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de 2006, foi possível encontrar 149 notícias, das quais, após descartados os textos repetidos, 99 faziam referências específicas à gripe aviária.

Menos de 15% do total dessas notícias foram gerados no segundo semestre de

2006. A grande maioria concentra-se nos três primeiros meses do ano, quando a gripe parecia se expandir incontrolavelmente em direção ao ocidente.

Cada texto, levado a cabo todos os pontos de análise da ACD daria, por si, um estudo próprio do tema proposto. Este trabalho, portanto, não tem a pretensão de conclusões definitivas sobre o tema, mas tão somente breves noções que nos permitam uma compreensão geral das características do discurso sobre a gripe aviária no noticiário de um jornal de alcance local, como o JC. Certamente o assunto não se esgota nesse estudo e, se o resultado final puder servir de subsídios para outros estudos sobre o tema, já terá cumprido seu objetivo.

A extensão do *corpus* proposto, entretanto, nos obriga a uma primeira classificação. As 99 notícias selecionadas fazem referências à gripe aviária, mas de formas diferentes. Em 70 notícias encontra-se a referência é primária, ou seja, o tópico principal em destaque é a gripe aviária. Noutras 29 notícias, a doença é utilizada como referência secundária, como citação dentro de um tema maior.

A importância dessa classificação deriva das reações de percepção, na produção e na compreensão, provocadas pelo tema principal escolhido. Segundo Van Dijk (2005, pp.41-42)

Por razões discursivas, cognitivas e sociais, os tópicos do discurso desempenham um papel fundamental na comunicação e na interação. Definidos como ‘*macro-estruturas semânticas*’ derivadas de estruturas locais (micro), os tópicos representam aquilo ‘sobre o que versa’ o discurso, globalmente falando, e explicam a coerência global do texto e da fala.(...) Os utilizadores da linguagem são incapazes de memorizar e de controlar todos os detalhes significativos de um discurso, e por esta razão organizam mentalmente estes significados através de significados globais ou tópicos.

Para efeitos de estudo, portanto, as matérias selecionadas foram divididas em duas grandes listagens: uma para referências primárias (classificadas como A) e uma para referências secundárias (classificadas como B). Em cada listagem, as notícias foram postas em ordem cronológica, da mais recente para mais antiga, recebendo cada qual um número e uma letra correspondente.

Da mesma forma, as categorias em que tais textos foram enquadrados nas diversas editoriais do jornal realçam e influenciam sua percepção. Todas as 99 notícias encontradas se espalham por onze editoriais diferentes no JC *on-line*, conforme mostra a tabela abaixo:

EDITORIAS	TIPO DE REFERÊNCIA		
	PRIMÁRIA	SECUNDÁRIA	TODAS
BRASIL	9	0	9
CADERNO C	0	1	1
CIDADES	2	2	4
CIÊNCIA E MEIO AMBIENTE	4	2	6
ECONOMIA	12	14	26
INTERNACIONAL	35	4	39
POLÍTICA	0	1	1
SEGUNDA CAPA	4	1	5
TURISMO	1	0	1
ARTIGOS	2	4	6
CARTAS	1	0	1
<b>TODAS</b>	<b>70</b>	<b>29</b>	<b>99</b>

Esta segunda classificação pode ser enquadrada na definição de significados locais, apresentada por Van Dijk (2005, p. 43):

Os significados locais constituem o resultado da selecção feita pelos falantes ou escritores dos seus modelos mentais dos acontecimentos, ou das suas crenças mais gerais socialmente partilhadas. Ao mesmo tempo, constituem o tipo de informação que (sob o controlo geral dos tópicos globais) influencia os modelos mentais de forma mais directa e, por este motivo, as opiniões e atitudes dos receptores. Juntamente com os tópicos, estes significados são melhor lembrados e mais facilmente reproduzidos pelos receptores, e podem ter assim consequências sociais mais óbvias.

O enquadramento das notícias em editorias também pode ser apontado como um dos mais claros indícios da intertextualidade, especialmente da intertextualidade constitutiva (ou interdiscursividade).

Uma simplificação do conceito de intertextualidade, é a de que todo texto remete a outros previamente existentes, que nele operam por assimilação ou rejeição. Já a interdiscursividade definiria a forma como os diversos “discursos” (entendido aqui como “um modo particular de construir um assunto”) operam na constituição de outros discursos (FAIRCLOUGH, 2001, pp. 133-173).

Assim, ser publicada na categoria “Internacional” ou “Economia” confere à



notícia diferentes formas de elaboração e cognição que variam conforme a posição dos discursos hegemônicos estabelecidos como pano de fundo para abordagem do tema.

Não é surpresa, portanto, que a maior parte das notícias esteja sob a chancela da editoria “Internacional”. Não havendo nenhum caso de gripe aviária no Brasil e sendo a maioria das matérias publicadas sobre o tema no JC *on-line* mera reprodução de agências de notícias, nada mais natural que elas sejam consideradas parte dos acontecimentos “do resto do mundo”. Nesse caso, a mensagem pode ser simples: a doença é uma ameaça potencial, mas não iminente.

### Uma commodity chamada H5N1

É também na forma de abordagem do texto da notícia que encontramos elementos que possam corroborar esta idéia de distanciamento da gripe aviária. O conceito de distanciamento geográfico, mencionado anteriormente, é somado ao distanciamento social dos protagonistas desta epidemia, presentes na construção textual do discurso jornalístico.

Das 14 notícias em que são informadas mortes ou contaminações humanas provocadas pela gripe aviária, em apenas quatro delas são mencionados nomes. Na maioria das vezes as vítimas são identificadas pelo sexo, nacionalidade ou idade apenas, como se vê no quadro a seguir.

TRECHO DESTACADO	DATA
<b>69-A</b> Uma jovem de 15 anos morreu ontem de gripe aviária na cidade de Van, no leste da Turquia, no segundo caso fatal da doença no país. A menina era irmã do rapaz que morreu no domingo, também vítima do vírus H5N1.	06 de janeiro
<b>63-A</b> Na Indonésia, um garoto de 3 anos morreu hoje, três dias depois de sua irmã de 13 anos. As chances de que ele tenha morrido de gripe aviária são grandes. No caso da irmã, os testes para o H5N1 deram positivo. No caso dele, os exames ainda não ficaram prontos.	18 de janeiro
<b>18-A</b> Após cumprir todas as etapas de verificação laboratorial, examinando uma amostra de 11 pacientes, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou que houve cinco mortes no Azerbaijão decorrentes de infecção pelo H5N1 – a linhagem viral mais perigosa que desencadeia a gripe aviária.	22 de março

A falta de informações específicas sobre as vítimas na maioria das notícias, como nome, profissão, modo de vida sonega elementos textuais que poderiam provocar um efeito de aproximação entre o leitor e o acontecimento relatado.

É importante ressaltar que nem todas as notícias seguem essa tendência de



impessoalidade. Em uma delas, datada de 19 de janeiro, um garoto turco de cinco anos infectado pelo H5N1 é chamado de “pequeno Muhammad”. Nesse caso, certamente o efeito provocado pelo uso do “pequeno” e do nome da vítima é exatamente o oposto do que foi citado, de aproximação e humanização. Entretanto, tal exemplo é uma exceção e na maioria das notícias o que prevalece é a simples contagem de óbitos ou relatos de vítimas sem nome, que desfavorece uma empatia e joga o tema da gripe aviária na vala comum das tragédias distantes.

Por outro lado, a maior parte do noticiário direcionada às repercussões da gripe aviária no Brasil ocupou a editoria de “Economia”. Nesse caso, o discurso jornalístico passou a acompanhar o discurso político, onde o Plano Nacional de Prevenção da Influenza Aviária enfatizou bem mais o aspecto econômico do que o epidemiológico.

TRECHO DESTACADO	DATA
<p><b>14-A</b> O governo lançou ontem o Plano Nacional de Prevenção da Influenza Aviária (gripe aviária) com um almoço que teve pratos preparados à base de carne de fango. O presidente Lula e alguns ministros participaram.</p> <p>O Brasil não foi afetado pela doença, que atingiu cerca de 50 países, principalmente na Ásia e na Europa. Mas, com o almoço, o governo quis reforçar que a carne de frango cozida não apresenta perigo, já que o vírus não resiste a altas temperaturas.</p> <p>“O que quisemos demonstrar, cabalmente, à sociedade brasileira é que o Brasil é um país distante dos centros de origens da influenza aviária”, afirmou o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues.</p>	08 de abril

O distanciamento da tragédia humana, destacado anteriormente, é aqui reforçado pela idéia de que a única coisa a prevenir no caso da gripe aviária no Brasil, é que nosso consumo e a exportação de frango não sejam afetados.

Não cabe aqui uma simples crítica à abordagem econômica. Inegavelmente o medo de contaminação pela gripe aviária trouxe conseqüências ao mercado internacional de aves com reflexos na economia brasileira e essa realidade se reflete no noticiário. Entretanto, a declaração do ministro Roberto Rodrigues, no trecho destacado acima, ressaltam com clareza as intenções governamentais de distanciar a doença da realidade brasileira. Tal declaração é reforçada, ainda, pelo fato de que, em pleno lançamento do Plano Nacional de Prevenção da Influenza Aviária, o ministro da agricultura (e não o da saúde) seja a única voz a fazê-la.

A gripe aviária e o seu risco, sob este aspecto, acabam sendo resumidos a um mero fator de mercado.



TRECHO DESTACADO	DATA
<b>28-A</b> Gripe aviária reduz consumo na Europa. Com isso, exportadores nacionais redirecionam produção para mercado local, derrubando preços.	14 de março
<b>16-B</b> Os índices de preços ao consumidor de março só não foram piores porque a gripe aviária forçou a queda das exportações de frango brasileiro e as aves não comercializadas no exterior foram direcionadas para o mercado interno. A queda no preço do frango foi de 12,15%.	09 de abril
<b>21-B</b> Outro fator positivo a contribuir para a inflação baixa foi a gripe aviária.	04 de abril

Ao menos vinte e uma notícias enfatizam os aspectos econômicos da difusão da gripe aviária pelo mundo e seus reflexos no Brasil. A maioria delas como referências secundárias em reportagens sobre exportação, controle de inflação, etc.

Esse número ganha ainda mais importância se considerarmos que apenas quatro notícias destacam o aspecto clínico do tema e relatam planos de contingência para o caso de uma pandemia. Apontam hospitais, sintomas e possíveis formas de tratamento.

Há aí uma clara hegemonia da ordem do discurso econômico sobre o discurso de saúde. Uma comodificação tal como definiu Fairclough (2001, p.225):

A comodificação é o processo pelo qual os domínios e as instituições sociais, cujo propósito não seja produzir mercadorias no sentido econômico restrito de artigos para venda, vêm não obstante a ser organizados e definidos em termos de produção, distribuição e consumo de mercadorias.

O econômico passa a ser o filtro principal. A gripe aviária já não é mais compreendida por seu risco pandêmico, mas pelo efeito que exerce nos preços e na inflação. Sob o novo prisma, não demora muito para que deixe de ser uma ameaça à saúde para se transformar num fator positivo de combate à inflação.

No discurso especializado a crença na veracidade do que se diz provém da posição social do enunciador. Essa posição advém de normas e regras compartilhadas por uma sociedade que, uma vez cumpridas, criam e legitimam controladores do discurso público. Assim, quanto mais acesso ao discurso (ou discursos) público, mais poder sobre os demais (VAN DIJK, 2005, p. 24).

### Quem Disse Isso?

Um tema como a gripe aviária certamente envolve diversas áreas do conhecimento e seus respectivos controladores do discurso. Nas notícias pesquisadas e geradas em fontes internacionais, entretanto, pudemos observar que esse papel foi em



grande medida concentrado em torno da Organização Mundial de Saúde (OMS). Sua posição legitima as informações sobre o surgimento da gripe aviária, seus sintomas, formas de contágio entre aves e humanos, sua expansão, formas de tratamento, vacinas, etc.

Nas notícias geradas no Brasil, contudo, não existe a figura de um controlador hegemônico desse discurso. Diversos órgãos oficiais, empresas e especialistas competem através do discurso jornalístico como enunciadores legítimos. Mesmo o Ministério da Saúde aparece como protagonista da informação, através de seus funcionários, em apenas quatro notícias.

No noticiário estudado da gripe aviária, essa difusão da legitimidade enunciativa, acaba por produzir um efeito de informações incompletas, enviesadas e, algumas vezes, contraditórias.

TRECHO DESTACADO	DATA
<b>10-A</b> “O maçariquinho e a baturá se reproduzem ao norte do Estado do Labrador, no Canadá, onde encontram espécies da rota da Europa Ocidental, como França e Alemanha, onde há aves contaminadas”, explicou o professor Severino Mendes, do Departamento de Biologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que está atuando no curso de vigilância	28 de abril
<b>24-A</b> “Não vejo perigo de a gripe chegar no Brasil porque as aves que migram para cá vêm dos Estados Unidos. Lá o controle é grande e ainda não houve registro de nenhum caso da doença”, garante Rodrigues.	16 de março
<b>31-A</b> Lembra que na semana passada, a ornitóloga pernambucana Inês Nascimento, do Centro de Pesquisa Nacional para Conservação de Aves Silvestres do Ibama, disse que não havia chance de a <b>gripe aviária</b> chegar ao Brasil? Pois bem, ontem, a pesquisadora Liana Brentano, da Embrapa Suínos e Aves, disse que existe a possibilidade da doença não ser registrada no Brasil, mas que é temerário fazer afirmações definitivas com base em probabilidades.	10 de março
<b>36-A</b> O pessoal do setor de avicultura de Pernambuco consultou a ornitóloga pernambucana Inês Nascimento, que há mais de 15 anos se dedica ao estudo das migrações continentais no Centro de Pesquisa Nacional para Conservação de Aves Silvestres (Cemave) do Ibama, sobre a <b>gripe aviária</b> . Ela garante que é praticamente desprezível a probabilidade de o vírus H5N1, responsável pela <b>gripe aviária</b> , chegar ao Brasil nas asas de aves migratórias vindas da Europa, África e Ásia.	04 de março

Essa difusão de informações desencontradas reflete principalmente a abordagem do discurso político sobre o tema. Diante de tantos enunciadores legítimos perante o discurso médico e sanitário, faltou aquele que fosse legítimo politicamente, capaz de hierarquizar os dados divulgados.

A posição passiva adotada pelo jornalismo de saúde, perante esse tipo de

discurso especializado e sua falta de crítica que permita uma interação entre os vários discursos envolvidos, também colaboraram para a difusão de informações imprecisas. O profissional jornalista não se sente apto ou prefere não questionar o enunciador que considera legítimo.

## **Conclusão**

Para Van Dijk (2005, p. 66), “palavras, frases e outras expressões textuais podem implicar conceitos ou proposições que podem ser inferidas com base no conhecimento que a todos é comum”. São as implicações do discurso.

No caso da gripe aviária era fundamental a particularização da enfermidade, a compreensão de suas características únicas e de sua letalidade como primeiro passo para sua prevenção. Fica claro nos textos utilizados nesse estudo que os agentes do discurso jornalístico já consideram esse objetivo alcançado e a definição da doença como algo conhecido pela maioria da sociedade. Corrobora para isso o fato de que em apenas uma notícia foi encontrada uma descrição do que é a doença.

Essa crença é reforçada, ainda, pela forma com que é tratada. “Temida pandemia de gripe”, “novas gripes mortais” e “essa tal de gripe das aves” são algumas das expressões encontradas como referência para ilustrar esse ponto.

A quantidade de informação disponível e a difusão, entretanto, não se traduz necessariamente em esclarecimento e prevenção. Na evolução do conceito de cidadania, elegemos a saúde como um direito fundamental do ser humano. Isso significa que esse direito não pode se sobrepor às conveniências de outras forças de qualquer natureza, significa, também, que “razões de saúde devem ter preferência sobre todas as outras razões” (KUCINSKI, 2001, p. 293). Sem a crítica e esse foco necessário, o jornalismo de saúde é mero acúmulo de dados e manchetes sensacionalistas.

Como prática e construção de significados, o noticiário estudado da gripe aviária tem evocado um discurso desfocado do aspecto clínico do tema, fragmentado por diferentes perspectivas e confuso em suas prioridades, o que, inferimos, colabora para um imaginário social com distorções correspondentes.

A evolução desse tema e o posterior desenvolvimento do discurso da notícia certamente abrirão novas tendências que acabarão por se tornar instrumentos fundamentais no sucesso ou fracasso do combate contra a expansão, disseminação e tratamento da gripe aviária.



## Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a Medicina Enferma**: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo. Campinas: Unicamp, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

KOLATA, Gina. **Gripe: A História da Pandemia de 1918**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

KUCINSKI, Bernardo. A Ética na Informação da Saúde. In: MELO, José Marques de et al (Org.). **Mídia e Saúde**. Adamantina: UNESCO/UMESP/FAI, 2001. P. 289-305.

STEVENS, Neil. **A Gripe Aviária**. São Paulo: Isis, 2006.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso, Notícia e Ideologia: Estudos na Análise Crítica do Discurso**. Porto: Campo das Letras, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Cumulative Number of Confirmed Human Cases of Avian Influenza A/(H5N1) Reported to WHO**. Genebra: 2007. Disponível em: <[http://www.who.int/csr/disease/avian\\_influenza/country/cases\\_table\\_2007\\_01\\_12/en/index.html](http://www.who.int/csr/disease/avian_influenza/country/cases_table_2007_01_12/en/index.html)>. Acesso em: 12 jan. 2007.